

A " África" e seus corpos: a performance como elaboradora do território negro

Ana Beatriz Almeida

Graduanda-USP/ EACH

Esta pesquisa nasce da necessidade de entender de forma mais abrangente como se articulam as relações contemporâneas entre arte e sociedade a partir do ponto de vista de mulheres e homens negros/ negras, grupo onde tais dinâmicas sempre estabeleceram laços íntimos. Não se trata de dirigir as atenções para o etiopismo ou para a cultura rastafari, tampouco recorrer à exploração de ritos de matriz africana, ou mesmo do entendimento político da situação atual do continente africano. Mas sim de mapear correlações estabelecidas (a despeito de suas vontades individuais) entre as produções expressivas desses indivíduos - que constituem um grupo hereditariamente definido dado sua carga histórica.

Palavras -chave: performance ; ritual ; diáspora ; território; África

A questão da África como origem merece uma maior atenção, tanto em sua validade como referência geográfica quanto em sua carga enquanto valor cultural. Especialmente no que tange território e pertencimento, a diáspora mostra-se como variável norteadora de questões identitárias, dotando-as de um caráter fluido .Para melhor compreender essa dinâmica instável, o conceito deleuziano de territorialização e desterritorialização oferece grandes contribuições no sentido de compreender mais amplamente o movimento de fuga e recaptura de códigos dentro de um mesmo sistema. Trata-se de uma dinâmica de tensores que vez por outra define o sujeito dentro de um código, mas que em seguida pode associá-lo a outro, e neste sentido é possível uma aproximação ao modelo proposto Perlongher (1987), de um mecanismo fluido de interpretação de seus integrantes.

Logo, pressupõe-se que uma mesma identidade conjuga diferentes classificações, entretanto, a questão racial parece despontar como um traço que incide sobre todos os outros indicadores sociais. Essa característica já era visível no livro *O negócio do michê*, dentro do modelo proposto, o autor reconhece tal fator como traço de distinção dentre todas as outras possibilidades qualificativas possíveis :

“A discriminação por cor perpassa todas as outras classificações e divisões, e funciona tanto entre michês como entre cliente e “entendidos” em geral.” (p. 144).

Há algo que marca as pessoas como grupo - dentre todos os outros possíveis - fundando uma dimensão de pertencimento que não geográfica, mas ainda sim territorial. Nota-se que há uma idéia de ressignificação a partir da percepção e reconhecimento da diferença - o que designa um novo trato com a realidade proveniente de uma leitura pré-concebida do sujeito - *“ela frisa uma reconceitualização da cultura a partir do sentimento de sua desterritorialização”* (Gilroy, 2001).

Esse lugar localiza-se mais como um código-território constantemente recriado por seus participantes, é o que o autor citado acima se refere como África pulverizada em seu livro *Atlântico Negro*. Um lugar que sofre processo de reengendramento territorial de mão dupla que agrega também a sociedade fora desse lugar, e as decodificações possíveis nessa área limítrofe. Contudo, é principalmente de mediante à alteridade, pode-se verificar a produção corporal dessa população e seus desdobramentos interpretativos.

O movimento de choque identitário e reinvenção pode ser intencionalmente direcionado ou não, uma vez que o território é definido por um sistema maior de “sobrecodificação” e um “axiomático” que se refere a uma interpretação e tradução mais minuciosa através das redes de códigos (Guattari, 1973), na interação desses dois

elementos há uma captura dos corpos e sua inscrição dentro de uma retórica mais abrangente.

A reação do público para com a performance Subterrânea 68 em 2008, no Festival de Arte em Colônia ilustra possibilidades interessantes nesse campo. O trabalho apresentado¹ era sobre tortura na ditadura militar, no entanto a leitura de grande parte do público era de uma obra sobre migração africana ou mesmo sobre rituais animalistas - a despeito de todo material instrutivo sobre as obras disponível na ocasião. O mal entendido pode ser lido dentro de uma lógica código-territorial, afinal se um território é feito também por seus limites, é principalmente a carga social atribuída ao objeto de arte que promove sua resignificação. Quando se fala sobre um continente negro alargado, a produção expressiva corporal negra é a reinvenção desse lugar fragmentado. A situação especial em que se encontra o corpo em performance, o confere certa condição mítica que o distingue dos códigos sociais cotidianos, e por isso capaz de resignificá-los.

Há nessa situação, semelhanças com o processo ritual- nele os integrantes são separados da ordem social vigente e são colocados em suspenso, num estado de liminaridade (Turner, 1974), então a partir desse momento é possível uma reorganização simbólica que viabiliza novamente uma estabilidade, que pressupõe uma vivência diferenciada do cotidiano. A proposta da galeria de arte seria um rito paralelo a estrutura liminar, porém num viés benjaminiano – que permearia o ambiente e seus integrantes, modificando assim o público e o que é exposto, a soma resultante é tal qual em Turner, uma nova visão da realidade.

“Em gêneros “ liminóides” de ação simbólica Turner descobre fontes de poder liminar. Nas novas formas narrativas Benjamin encontra indícios da grande tradição

¹ Consistia um vídeo - onde eu performava com referências no butoh, dentre carcaças de carne- colocado no centro de um monte formado por 1.300 quilos do mesmo material do qual saiam fios, onde nas extremidades havia nomes de desaparecidos

narrativa: o seu não acabamento essencial e abertura às múltiplas possibilidades.” (Dawnsey, 2009)

Esse ponto de intercruzamento de modelos não seria simplesmente uma feliz coincidência entre autores, mas o tópico crucial para o início de uma discussão sobre como ocorre os fluxos territoriais de lugares não materiais, tal como a África diaspórica é proposta. Uma vez que oferece uma reflexão sobre a relação entre forças centrais que influenciariam outras periféricas, possibilita pensar um centro que Turner compreenderia como liminar, e uma periferia liminóide. Por ser a performance uma mimese de ritual, promovido pela indústria cultural, poderíamos dizer que esse corpo expressivo, ocuparia lugar liminóide (ou periférico) em relação ao ritual corporalmente manifestado (que seria central).

Percebe-se na raiz do culto de matriz africana uma preocupação, não com a manutenção de uma instituição ou de uma ideologia moral, mas essencialmente um movimento que trata em correlacionar as personalidades individuais às forças da natureza, talvez no sentido de compreender melhor ambas. Logo, a porção ritual da diáspora negra é fundamentalmente múltipla, e por esse motivo não encontra na migração um problema para sua existência, uma vez que a fragmentação está na base de sua estrutura. Haja vista os exemplos citados por Verger (2001) em Notas sobre o Voduns e culto a Orixás, grande parte dos pontos de convergência estão principalmente nos arquétipos e como esses mediam o sujeito e as condições naturais do ambiente- noção que por vezes se estende à vida em sociedade. Por ser a alteridade fator predominante na questão migratória e seu desdobramento em diferenças étnicas e sociais, o caráter estrutural dessas manifestações responderia às mais diversas demandas dentro do movimento diaspórico. Inaugurando uma dimensão ritual comum, não como homogenizadora, mas como facilitadora de diálogo.

Verifiquei tal relevância no verão de 2009, quando desenvolvi um projeto num squat holandês em área irregular, ocupado por imigrantes africanos que haviam chegado aí por acaso, atraídos pelo único traço em comum de serem todos negros oriundos da África . Já é possível perceber, nesse ponto, que a idéia de pertencimento alargado engendrado por um êxodo anterior torna-se tão forte que repercute também em pequenos deslocamentos individuais posteriores , sendo capaz de fornecer a esses novos desterritorializados , sentimento de acolhimento.

No entanto, por ser ao mesmo tempo incluyente e diverso, o conceito de fraternidade por origem não anula as diferenças. Havia grandes divergências no grupo dado o histórico de vida de cada um, e uma necessidade da prefeitura de Amsterdã em desalojá-los do local, porém não uma vontade de separá-los.

Por esse motivo fui convidada a trabalhar noções de grupo e individualidade através de processo lúdico baseado em expressão corporal. Minha solução para tal foi aplicar exercícios de interação corporal baseados na confiança mútua e dramatização das histórias pessoais, o que não surtiu muito efeito. Havia um sentimento de indiferença quanto aos outros elementos do grupo, isso gerava conflitos e era alimentado pelo desconhecimento das outras individualidades em jogo e sua importância dentro das demais trajetórias .

A solução encontrada apontava para um caminho onde os significantes sociais estivessem em suspenso, possibilitando uma aproximação maior com a subjetividade , sem as barreiras do ego. Todas as questões residiam em como recriar esse espaço liminar para a experiência do que seria uma versão arquetípica de si, ou um eu ritual. Para tal optei por experimentar exercícios da Taanteatro Companhia , tal como exercícios surgidos nas aulas de Antropologia da Performance. Esses exercícios acabaram por galgar dimensões inesperadas, uma vez que no planejamento dos rituais

foram descobertas mais pontos em comum do que diferenças, e a construção do ritual de cada um passou a ser também o repensar de sua própria dimensão ritual.

Por vezes, o que era entendido como arrogância transformava-se na expressão de uma divindade , que teria nome X numa cultura, e Y em outra, seguiu o mesmo arquétipo base. Da mesma forma as mulheres de Moçambique vistas uma hora como covardes convertiam-se em imperatrizes , com outra qualidade energética e função espiritual que não as permitia reagir de outra forma. A partir daí , a visualização do que Turner (1974) chama de etapas do ritual torna-se clara e inequívoca em sua função e detalhamento a separação do presente e entrada num estado mítico, a harmonização do passado com o futuro e por fim a reagregação ao presente , na qual o este é encarado de outra forma, uma vez que houve uma mudança nos sujeitos expostos ao processo.

Não afirmo aqui que as desavenças de grupo desapareceram , mas certamente foi construído uma base em comum para futuras negociações. Esse ponto não estava no plano da sociedade, mas sim num nível mítico , e talvez seja exatamente essa localização que possibilitou uma outra compreensão da realidade social dada.

Posto isso, aponto esse lugar ritual como possível centro da África diaspórica , uma vez que ela é capaz de convergir para si símbolos dissonantes a despeito das diferenças individuais . Uma vez que a hipótese de um continente negro pulverizado reside no indício de semelhanças na reinterpretação da cultura vigente, o centro deste território só pode estar num lugar capaz não só de congregar diferenças, mas também de influenciar outros ramos do que esse coletivo é capaz de produzir culturalmente.

Com isso para entender melhor o desdobramento desse território expressivo , sugiro aqui o modelo de Sahlins sobre culturas translocais, vislumbrando a possibilidade de um local e de um global que dialogam com o conceito de liminar e liminóide de Turner. Logo, sendo esse lugar impossível de delimitar num mapa , mas

extremamente vivo e mutante por ser fruto da interação direta de seus integrantes com o meio social, pode-se entender as obras performáticas como periferias liminares do que seria o ritual liminar como centro receptor e emanador de estímulos . Não há nessa hipótese a tentativa de fazer juízo de valor , nem mesmo de entender a importância de um em detrimento do outro, mas a compreensão que ambos formam um mesmo sistema interdependente, que se retroalimenta.

“ As elaborações secundárias conscientes permanecem sendo autênticas expressões culturais; elas articulam os meios organizacionais e os fins da sociedade.”

Sahlins(1997)

BIBLIOGRAFIA

BAIOCCHI, Maura e PANNEK, Wolfgang. Taanteatro: **teatro** coreográfico de tensões. Rio de Janeiro: Azougue, 2007

DAWSEY, John C. Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático. *Mana* [online] , vol.15, n.2, 2009 .

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. L'Anti-Oedipe. Capitalisme et schizophrénie-1. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972/1973.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro . Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes. 2001.

VERGER, Pierre. Nota sobre Voduns e culto aos Orixás.São Paulo: Edusp, 2000

TURNER, Victor. O processo ritual: Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis: Editora Vozes, 1974

PERLONGHER, Nestor.O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense , 1987

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, out. 1997